

UMA REFLEXÃO DA VARIAÇÃO SOB OS OLHARES DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA E DA SOCIOLINGUÍSTICA

ALMEIDA, Andressa¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar, sob as concordâncias da Sociolinguística e da Análise do Discurso francesa, o discurso de um rapper, extraído do site Rio On Watch, que é um programa destinado a dar visibilidade às vozes das favelas no período que antecedeu as Olimpíadas, de 2016. Desenvolveu-se, portanto, uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva-interpretativa, levando em consideração a comunidade de fala que o sujeito está inserido, o contexto em que o discurso é produzido, bem como, os discursos que atravessam o enunciado selecionado e a noção de preconceito linguístico. O fato de o Brasil possuir como língua oficial o português, não significa que a Língua Portuguesa seja homogênea, um bloco único e coeso, visto que, cada comunidade linguística possui suas características determinadas pelo contexto em que estão inseridos. No discurso analisado é possível visualizar o preconceito linguístico que há entre a linguagem usada pela comunidade, uma linguagem aprendida com a vida e não na escola, estigmatizada pela sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito Linguístico. Contexto social. Análise do Discurso. Sociolinguística.

A REFLECTION OF VARIATION IN THE VIEWS OF THE FRENCH DISCOURSE ANALYSIS AND SOCIOLINGUISTICS

ABSTRACT

This article aims to analyze, under the concordances of the Sociolinguistics and the French Discourse Analysis, the speech of a rapper, extracted from the site Rio On Watch, that is a program destined to give visibility to the voices of the favelas in the period before the Olympics, of 2016. Therefore, a qualitative, descriptive-interpretive research was developed, taking into account the speech community that the subject is inserted, the context in which the discourse is produced, as well as the discourses that cross the selected statement and the notion of linguistic prejudice. The fact that Brazil has Portuguese as an official language does not mean that the Portuguese language is homogeneous, a single and cohesive bloc, since each linguistic community has its characteristics determined by the context in which they are inserted. In the discourse analyzed it is possible to visualize the linguistic prejudice that exists between the language used by the community, a language learned from life and not from school, stigmatized by society.

KEYWORDS: Linguistic Prejudice. Social context. Discourse Analysis. Sociolinguistics.

1. INTRODUÇÃO

Há muitas maneiras de se estudar a linguagem. Vários estudiosos, como Ferdinand de Saussure, Noam Chomsky, Emile Benveniste, entre outros, dedicaram parte de suas vidas para tentar explicar, sistematizar e teorizar a língua. Seja pelo estruturalismo ou por considerar o social da língua, assim, se estabelece a linguística.

Saussure (2006), em seus estudos estruturalistas, trouxe contribuições importantíssimas para a linguística, no entanto, durante os anos 60, outras teorias, interdisciplinares, emergiram em crítica a concepção estruturalista.

¹ Acadêmica do Curso de Pós Graduação Stricto Sensu – Mestrado em letras: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. O presente artigo é resultado da avaliação da disciplina Heterogeneidade Linguística, sob orientação de Clarice Nadir von Borstel.

Para Saussure (2006) a Língua tem um lado social (*langue*) ao entender que é um sistema presente no cérebro dos indivíduos e compartilhado por muitos, e um lado individual (*parole*) que é a fala, o caos, o que a gente observa.

A língua é exterior ao indivíduo. É um sistema homogêneo de signos que exprimem ideias como um dicionário gigante. A fala, ao contrário, é multifacetada, heterogênea, cada um escolhe com que signos vai exprimir suas ideias.

O signo linguístico, de acordo com os estudos de Saussure (2006), é uma construção psíquica de duas faces: o conceito e a imagem acústica, sem a valorização do momento em que se efetua a enunciação, ou seja, o contexto.

Assim, podem se distinguir duas concepções de linguagem: uma considera a linguagem como um objeto autônomo e outra a considera como um objeto ligado à realidade social, histórica e cultural de seus falantes.

Para essa segunda concepção, a mudança na língua está relacionada com as atividades dos falantes. As mudanças emergem da realidade linguística heterogênea que está ligada à heterogeneidade social, histórica e cultural dos falantes.

Neste contexto é que surgem a Sociolinguística e a Análise do Discurso de orientação francesa, como áreas da Linguística que estudam as relações entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos. É possível encontrar concordâncias entre elas, apesar de possuírem métodos específicos para analisar o objeto de pesquisa; o que será demonstrado em seguida, neste artigo. Existem outros campos dentro das ciências da linguagem que se dedicam, de alguma forma, ao estudo da língua no contexto social como a Linguística Histórica e a Linguística Aplicada.

Podemos partir do pressuposto de que, só há língua se houver seres humanos que a falem. Assim se dá a necessidade de estudar a língua sob outra perspectiva, considerando o contexto sociocultural e a comunidade de fala, visto que é importante observar as condições em que a fala é produzida.

Estudar a língua é, também, tratar de um tema político, visto que só é língua porque há seres humanos e seres humanos estão inseridos em sociedade, estabelecem relações sociais, pensam e agem de formas distintas.

Em detrimento destas premissas, este artigo tem como objetivo analisar o discurso retirado do *site Rio On Watch Olympics Neighborhood Watch* - Comunidades do Rio de Olho nas Olimpíadas) um programa destinado a dar visibilidade as vozes das favelas no período que antecede as Olimpíadas de 2016.

O propósito é observar sob o olhar na Sociolinguística e da Análise do Discurso francesa, qual o contexto em que o sujeito falante está inserido, qual o contexto em que o discurso é produzido,

bem como, analisar os discursos que atravessam o enunciado selecionado e a noção de preconceito linguístico.

2. APROXIMAÇÃO DAS TEORIAS

Aquilo que não fazia parte dos estudos da linguagem passa a fazer diferença e se tornar objeto de estudo para a Sociolinguística (Sócio) e para a Análise do Discurso (AD) de orientação francesa.

O primeiro ponto de confluência entre as teorias está no modo com que pensam a língua a partir de suas determinações externas, pois a exterioridade é parte integrante do discurso. A Sociolinguística, a partir da linguística e de fatores extralinguísticos (sexo, etnia, faixa etária, origem geográfica, situação econômica, escolaridade, história, cultura, etc.), definido como contexto, e a Análise do Discurso das condições de produção.

Entender a língua no mundo implica em considerar que ela é social, reproduzida e significada por sujeitos que são afetados pelo contexto em que estão inseridos e que são, também, atravessados por outros discursos. Na AD, pela ideologia, pelas condições de produção, pela formação discursiva, pela história e pela linguagem. Na Sociolinguística, pela origem do falante, a idade, escolaridade, sexo, contexto, região em que se localiza, classe social, entre outros fatores.

É preciso considerar que um dos pressupostos da AD francesa refere-se à língua caracterizada pela opacidade e transparência ao mesmo tempo. Isto significa dizer que, dentro de uma mesma Formação Discursiva, há a ilusão da língua transparente, porque os sujeitos naquela Formação Discursiva partilham do mesmo sentido. Por outro lado, é também opaca, porque em outra Formação Discursiva, que partilha de outro sentido, não compreende o mesmo discurso, da mesma maneira. Portanto, o que se diz em uma Formação Discursiva pode não ser compreendida em outra.

Sendo assim, pode-se afirmar que a língua é, de fato, a mesma para todos, no entanto, não se pode dizer que todos os sujeitos produzem o mesmo discurso, ou seja, a língua serve de base comum para processos discursivos diferentes. Falamos a mesma língua, mas não produzimos o mesmo sentido (PÊCHEUX, 2014).

Cada manifestação individual de um discurso está atrelada às condições de produção, portanto, a formação discursiva dita àquilo que pode e deve ser dito de acordo com determinadas condições de produção. Nesse caso, as condições de produção são únicas e mudam a todo tempo, porém, o discurso não muda, porque atende às formações discursivas e às ideologias dessa formação.

A essência da noção de “contexto” quanto a de “condições de produção” falam de algo que não está no próprio sistema linguístico (a língua), mas no que lhe é externo, naquilo que mesmo fora afeta o discurso e o falante.

Para Pêcheux (2014, p. 214) as condições de produção do discurso é o “conjunto de descrição das propriedades relativas ao destinador, ao destinatário e ao referente, sob condição de dar imediatamente certo número de precisões”. Isto significa que, o sujeito, a situação em que o discurso está sendo produzido, a posição e o lugar que o sujeito ocupa, o contexto imediato de fala e o contexto histórico, contribuem para a produção de sentido, portanto, estas são as condições de produção do discurso.

Na AD, a palavra produção está relacionada à produção de um *efeito*, e este efeito só é produzido porque existem condições que o direcionam. Aquele que escreve um texto, por exemplo, é determinado, interpelado pelas condições de produção e isso produz o efeito de sentido.

A noção de discurso e o entendimento das condições de produção são de extrema importância para o analista do discurso pechetiano, visto que busca analisar o sentido em uso, o real na materialidade linguística e histórica (ORLANDI, 2015). E em detrimento desta base, é que descrição e interpretação se inter-relacionam, daí a importância de entender a relação estabelecida entre o sujeito inconsciente, discurso, condições de produção, formação discursiva e interpelação ideológica.

A proposta da teoria Sociolinguística é relacionar as variações linguísticas observáveis e as diferenciações existentes na estrutura social de uma comunidade linguística.

Parte do ponto de vista de que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades, portanto, o objeto de investigação para a Sociolinguística é a língua falada, observada, descrita e analisada em situações reais de uso (SILVA, 2011, p. 50 - 51). O que difere da AD, pois o discurso analisado pode ser “uma sequência linguística de dimensão variável, geralmente superior à frase, referida às condições que determinam a produção dessa sequência em relação a outros discursos, sendo essas condições propriedades ligadas ao lugar daquele que fala e àquele que o discurso visa (PÊCHEUX, 2014, p. 214)”.

A Sociolinguística laboviana não pretende introduzir uma teoria para a fala, mas o estudo da língua verificando o que ela revela sobre a Língua enquanto sistema (*langue*) (COAN; FREITAG, 2010, p. 176).

Outra aproximação importante diz respeito ao sujeito. Para a Sociolinguística não existe língua em funcionamento sem o sujeito, em detrimento de que, a língua é social e não se pode pensar no seu funcionamento sem esse social, marcado pelo sujeito que interage.

Já na AD o sujeito também aparece como social, no entanto é considerado como um sujeito inconsciente que é determinado pelas condições de produção (língua, ideologia, história, formação discursiva e o social).

Não se trata apenas de troca de informações, um fala e o outro decodifica a mensagem, como um processo linear. O discurso é a história na língua, produzido por sujeitos interpelados pela ideologia por meio da linguagem. É material simbólico e funcionamento da produção de sentidos, porque o discurso é efeito de sentido entre interlocutores e não possui relação com aquele modelo clássico de comunicação.

Em resumo, podemos afirmar que a Sociolinguística observa as tendências de variação e mudança, e a Análise do Discurso, busca compreender os efeitos de sentido dadas as condições de produção.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Em maio de 2010, a Comunidades Catalisadoras (ComCat), uma organização sem fins lucrativos carioca, lançou um site de relatos das favelas RioOnWatch (OlympicsNeighborhoodWatch = Comunidades do Rio de Olho nas Olimpíadas). Um programa organizado para trazer visibilidade às vozes das favelas no período que antecedeu as Olimpíadas de 2016, no Brasil.

O projeto RioOnWatch trabalha para ampliar a participação de comunicadores comunitários e observadores internacionais relatando as recentes transformações da cidade, dialogando com a grande imprensa e mídia alternativa, com o objetivo de gerar uma imagem mais precisa e verdadeira sobre as favelas, sua contribuição à cidade, e as opiniões que dali saem.

O trecho escolhido como *corpus* foi extraído da primeira parte de uma série intitulada *A Linguagem da Favela*, escrito por Gitaniali Patel publicado em 23/02/2015. A série completa possui três partes e discute sobre a linguagem falada nas periferias do Rio de Janeiro.

Com base nisso, principalmente ao destaque dado pelo site ao fator linguístico das comunidades cariocas, o recorte feito para análise indica uma realidade muito distante do que se pensa sobre a língua enquanto sistema homogêneo a todos os indivíduos.

A sequência a seguir retrata um preconceito linguístico em relação ao modo de falar de cada comunidade, ou seja, é possível visualizar que os fatores que circundam o sujeito falante implicam significativamente sobre o discurso a ser enunciado.

A gente pegou a linguagem que não foi feita para a gente, que não é nossa, e criou uma outra linguagem que é nossa e que é riquíssima! Mas ela não é aceita. Pouco a pouco na medida que a gente vai criando conhecimento, é assim que ela pode ser aceita, que ela deve ser aceita; ela é riquíssima, ela é invejável, e plausível. Só que ela é de outra academia, a academia da vida. – Wesley Delírio Black, rapper (RioOnWatch, 2015)

A análise deste fragmento parte de alguns questionamentos como: o que leva um indivíduo a pensar que a Língua Portuguesa não foi feita para ele? Qual a necessidade de criar uma linguagem própria para a comunidade em que está inserido? Porque uma comunidade não se sente como falantes da língua oficial do seu país?

O que se pode afirmar, de acordo com os estudos modernos sobre a língua, é que cada grupo social apresenta características no seu falar que são condicionadas por sua origem, sua idade, sua escolaridade, contexto, entre outros fatores. Isso quer dizer que as pessoas à nossa volta falam de diferentes maneiras.

E o fato de o Brasil possuir como língua oficial o português, não significa que a Língua Portuguesa seja homogênea, um bloco único e coeso, visto que, cada comunidade linguística possui suas características determinadas pelo contexto em que estão inseridos.

Inicialmente, o falante do trecho selecionado está inserido em uma comunidade periférica do Rio de Janeiro, onde o nível de escolaridade é baixo e muitos dos direitos à cidade são negligenciados. As classes sociais que formam as comunidades se veem muito distantes das classes mais altas e em função da baixa escolaridade não se sentem faltantes da Língua Portuguesa padrão (gramatical, normativa ensinada na escola).

Segundo ponto, é a posição-sujeito do falante do trecho em estudo. Ser *rapper* em uma comunidade ou favela significa apresentar um pouco da realidade do seu contexto através da música, é emitir uma ideologia objetivando mostrar a história, a dura realidade, a luta diária de pessoas que precisam conviver em harmonia com a violência, as drogas, a falta de educação, saúde, transporte, moradia, entre outras dificuldades. O *rapper* representa a comunidade, sendo membro de destaque e influenciador de opinião, pois sua arte é uma forma de manifestação contra as mazelas que sofrem.

Outro ponto a refletir se apresenta pelo fato de que há, não só no Brasil, um preconceito linguístico em relação as variações que a nossa cultura apresenta na língua falada. A Língua Portuguesa é oficial no Brasil, no entanto, muitos falantes não a utilizam de forma igual, muitas vezes não dão conta de atender às normativas porque não tiveram acesso a escola, ou porque possuem origem estrangeira, ou ainda, porque o contexto em que estão inseridos, a comunidade de fala, apresenta características distintas da variação padrão.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005, p. 175), essas variações presentes na língua cumprem finalidades de: “ampliar a eficácia de sua comunicação e marcar sua identidade social”.

Gumperz afirma também que (2002, p.150), “a diversidade linguística funciona como um recurso comunicativo nas interações verbais do dia a dia no sentido de que, numa conversa, os interlocutores [...]se baseiam em conhecimentos e estereótipos relativos às diferentes maneiras de falar”.

A língua padrão, ou variedade culta, está normalmente associada às classes sociais mais altas, em geral, usada por faltantes mais escolarizados, com maior remuneração e que moram no centro ou ainda em grandes cidades. Esses faltantes apresentam prestígio social e esse prestígio é transferido para a sua fala (COELHO et al, 2015).

Esta camada da sociedade econômica e socialmente favorecida, ao longo da história impôs um comportamento linguístico, como sendo, superior frente as demais classes sociais. Desse modo, o que é usado pela elite da sociedade é considerada como a forma correta de linguagem, já a dos menos favorecidos é considerada vulgar e errada.

São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro [...] (BAGNO, 2003, p. 16)

A discriminação linguística já se apresenta em texto da Constituição, visto que é escrita de modo que apenas uma pequena parcela de brasileiros consegue entender, esta igualdade linguística não é garantida perante a Lei.

É possível observar este preconceito linguístico também na mídia, principalmente na televisão, em que programas humorísticos têm como cômico o falar regionalista ou as variantes das classes baixas. No entanto, nos jornais, entrevistas ou programas informativos, a variante utilizada é a padrão.

Bagno (2003, p. 16) afirma que “se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, [...] são os sem língua”.

O fragmento “*A gente pegou a linguagem que não foi feita para a gente, que não é nossa, e criou uma outra linguagem que é nossa e que é riquíssima!*” (RioOnWatch, 2015), indica que os membros da comunidade do faltante não consideram a variação padrão da Língua Portuguesa como sendo uma língua passível de utilização, visto que o padrão é uma variação que não foi feita para eles, mas sim, para a elite.

Marcos Bagno (2003, p. 124) discute que:

Todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua.

Portanto, pode-se inferir que um falante tem conhecimento da sua língua materna e é capaz de utilizá-la de acordo com sua necessidade, neste sentido, entra em questão a variedade de prestígio e a variedade de não-prestígio.

Como exemplo, alunos de elite utilizam desde crianças a variedade de prestígio da língua, e também aprendem a Língua Portuguesa na escola, já alunos das classes menos favorecidas, além de crescerem em um contexto de variedade não-prestígio, na escola precisam aprender a Língua Portuguesa de acordo com os Currículos.

Estes alunos, quem usam a variedade não-prestígio, são estigmatizados por cometerem erros ao falar e a escrever e discriminados em sala de aula, afinal a sua variante não é colocada em discussão em sala, apenas o que é padrão.

Por este motivo, o recorte do discurso do *rapper* - *Só que ela é de outra academia, a academia da vida* – RioOnWatch (2015), exemplifica este preconceito linguístico, abordando que a linguagem usada pela comunidade é uma linguagem aprendida com a vida e não na escola, pelo fato de serem estigmatizados, muitas vezes como incapazes de usar a variação padrão.

O fato de criar uma linguagem deles, em que é possível identificarem-se como capazes de falar e escrever dentro do que, para eles, é o correto, indica que o que está sendo ensinado na escola na disciplina de Língua Portuguesa, é uma língua para a elite e não para todos os brasileiros.

Reforça-se por esta reflexão a influencia que a ideologia capitalista exerce sobre os discursos emitidos, visto que, foi possível perceber que a variante usada pela elite é a correta e as variações das classes baixas são ridicularizadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo trouxe uma reflexão acerca do preconceito linguístico e da língua enquanto heterogênea, tendo como aporte teórico a Sociolinguística e a Análise do Discurso francesa, apresentando aproximações entre elas e analisando o discurso de um *rapper* sobre a linguagem utilizada pela comunidade falante das favelas do Rio de Janeiro.

A partir do exposto, pode-se inferir que é importante que mais pessoas reconheçam as variações linguísticas como constituintes e resultados da cultura e das relações sociais estabelecidas pela sociedade. E as discussões devem partir, essencialmente, da sala de aula onde o professor pode

promover nos alunos o respeito pela variação e ensiná-los a adequar seus dizeres de acordo com a situação de interação e o contexto onde estão inseridos, de modo que, aprendam a variação padrão, mas possam reconhecer a variação não-padrão com respeito.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. O que é, como se faz? 21. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Contribuições da sociolinguística educacional para o processo ensino e aprendizagem da linguagem**. Disponível em <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/707-iootaibuicois-ia-soiolioguistiia-iiuiaiiioal-paaa-o-paoiisso-iosioo-i-apaioiizagim-ia-lioguagim>. Acessado em 10 de out. de 2016.

COAN, M.; FREITAG, R. M. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Lingu@gem**. Revista Eletrônica de Linguística (<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>) Volume 4, - nº 2 – 2º Semestre 2010

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; NUNES de SOUZA, C. M. N e MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. In: GARCEZ, P. M.; RIBEIRO, B. T. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. Tradução: Beatriz Fontana et al. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. Aplicação dos conceitos da Linguística para a melhoria das técnicas de análise de conteúdo. (1973) In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 4.ed. Campinas: Pontes Editores, 2014.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, E. V. A pesquisa Sociolinguística: a teoria da variação. **Revista da Academia Brasileira de Filologia**. Ano IX, Nº IX Nova fase, ISSN 1676-1545, Rio de Janeiro, 2011 Segundo Semestre.

A linguagem da Favela Parte 1: **Resistência, Cultura e Identidade**. Disponível em: <http://rioonwatch.org.br/?p=13450>. Acesso em 05 de set. 2016